



A imigração italiana no interior paulista: inferências a partir do município de Franca (1872-1940)

José Victor Maritan Gonçalves*

Na historiografia sobre a imigração internacional para São Paulo, os italianos ocupam um lugar de destaque. Grupo numericamente mais numeroso que portugueses e espanhóis, os italianos atravessaram o Atlântico impulsionados, na esfera da esperança, por “fazer a América” e protagonizaram o fenômeno migratório de massa no panorama global. Este artigo busca apontar e discutir aspectos relativos ao caso da imigração de italianos para o município de Franca-SP e suas inferências para o desenvolvimento social, econômico e demográfico local e do estado de São Paulo, com base em estatísticas históricas. No período da Grande Imigração, na virada do século XIX para o XX, a presença italiana cresceu no município estudado, onde imigrantes se destacaram tanto na zona rural, com ascensão à propriedade agrícola, quanto na área urbana, contribuindo para o setor artesanal e industrial, especialmente o calçadista. Apesar de menos expressiva que em outras regiões, a imigração em Franca revela importantes mudanças sociais e demográficas, sendo um campo ainda promissor para novas pesquisas.

Palavras-chave: Imigração internacional. Italianos. Interior paulista. Demografia histórica. Estatísticas históricas.

* Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil (jmaritan@unicamp.br; <https://orcid.org/0000-0001-9954-0733>).

Introdução

Na historiografia da imigração internacional para São Paulo, os italianos ocupam um lugar de destaque por ser o grupo unanimemente reconhecido como o mais numeroso, à frente dos portugueses e espanhóis.¹ Impulsionados, na esfera da esperança, por “fazer a América”, o grupo italiano foi protagonista das migrações em massa no panorama paulista e sua presença é bastante citada na produção acadêmica. Apesar da publicação de inúmeros trabalhos sobre esse contingente na capital e no estado em geral, ainda há poucos estudos sobre o grupo em cenários específicos, onde sua presença foi responsável por transformações importantes na estrutura sociodemográfica de municípios e regiões.²

O objetivo deste artigo é analisar os impactos da imigração italiana no desenvolvimento social, econômico e demográfico a partir do caso de Franca, município localizado no nordeste do estado de São Paulo, tomando como referência as informações demográficas da população local e do estado. Até pouco tempo, a produção acadêmica sobre o grupo italiano em Franca restringia-se à contribuição de Di Gianni (1994, 1997), que observou as estratégias empreendidas pelos italianos para conquistar um espaço na nova sociedade.³ Atualmente, os estudos sobre as experiências de incorporação de imigrantes a uma determinada sociedade têm sido pautados pela identificação de uma pluralidade de ambientes nos quais esses grupos viveram e trabalharam. Nesse sentido, procura-se elucidar aspectos ainda pouco explorados em relação à incorporação de imigrantes estrangeiros no oeste paulista, região que, longe de ser homogênea, abrange realidades muito distintas em termos de *timing* (anterioridade) de chegada e dos processos de mobilidade geográfica dos colonos, via migrações sucessivas, pela busca por condições de trabalho melhores e remunerações maiores, almejando a convivência com compatriotas, aspirando estabelecerem-se como pequenos proprietários ou deslocando-se para as zonas urbanas em busca de oportunidades para as novas gerações (Truzzi; Volante, 2021).

A metodologia utilizada permite comparar o fenômeno migratório e a realidade social vivida pelos italianos na localidade em tese. O artigo está estruturado da seguinte maneira: inicialmente apresenta-se uma breve discussão historiográfica sobre o fenômeno migratório italiano para São Paulo; em seguida, contextualiza-se o município de Franca na conjuntura da economia cafeeira paulista; e, por fim, analisa-se a inserção dos italianos no município, tomando como fontes primárias, sobretudo, os recenseamentos de 1872, 1920, 1934 e 1940, além dos registros paroquiais organizados no banco de dados *Italianos em Franca*, referentes ao período de 1885 a 1945, e das estatísticas agrícolas e zootécnicas de 1904-1905. Os dados evidenciam um crescimento significativo da população italiana na localidade, onde esses imigrantes atuaram inicialmente como trabalhadores rurais, mas muitos ascenderam economicamente, tornando-se proprietários de terras ou figurando

¹ Sobre o assunto, ver: Bassanezi *et al.* (2008).

² Para conhecer melhor o contexto das migrações internacionais para o interior paulista, ver Truzzi (2021).

³ Recentemente, pesquisas sobre a comunidade italiana em Franca têm sido realizadas por Gonçalves (2024, 2025).

na área urbana como artesãos, comerciantes e, mais tarde, industriais. Esse incremento populacional alterou a composição social local, contribuindo para sua modernização, crescimento econômico e para o surgimento e desenvolvimento da indústria de calçados em Franca, um dos setores mais relevantes da economia até hoje.

A imigração italiana para São Paulo

Ao longo do último século, a produção do conhecimento histórico passou por inflexões importantes em termos dos objetos, fontes e abordagens teórico-metodológicas. Nesse contexto, uma nova perspectiva foi dada aos imigrantes, que deixaram de ser considerados sujeitos passivos, subordinados às leis da atração e repulsão do capitalismo, para tornarem-se sujeitos das suas ações. Esse novo universo de possibilidades deu oportunidade para analisar os dois lados do percurso migratório – tanto o contexto de saída quanto o de recepção (Trento, 2022) –, bem como os aspectos demográficos desse grupo (Bassanezi *et al.*, 2008), o papel da família e da economia doméstica na tomada de decisão para emigrar (Alvim, 1986; Franzina, 2006) e as redes migratórias tecidas na origem e no destino (Truzzi, 2008; Gonçalves, 2024, 2025).

Atualmente, é possível ter uma visão mais abrangente e detalhada do fenômeno migratório e dos migrantes, que passaram a figurar como um novo agente social no cenário paulista, com maior intensidade a partir da segunda metade do século XIX. Truzzi (2016, p. 24) ressalta a necessidade de mais produções acadêmicas sobre a presença italiana no mundo rural e nas cidades interioranas, uma vez que a mobilidade desse grupo nas pequenas comunidades do interior recebeu menos atenção da historiografia do que sua atuação na capital paulista.

A evolução da entrada de estrangeiros no estado esteve relacionada ao fim da “transição do trabalho escravo para o livre”, à rápida expansão das lavouras de café pelo oeste paulista e ao início da política de subsídios à imigração empreendida pelo governo (Trento, 2022). Até meados do século XX, os imigrantes que chegaram ao estado eram provenientes da Europa Ocidental (italianos, portugueses e espanhóis) e, em menor escala, da Europa Oriental (poloneses, russos, ucranianos) e da Ásia (sírios, libaneses e japoneses).

O estado de São Paulo foi lugar privilegiado pelos imigrantes graças às oportunidades de trabalho geradas pela expansão cafeeira e por seus desdobramentos, tais como a ampliação da rede ferroviária, o desenvolvimento urbano e a instalação de indústrias. A viagem gratuita constituiu a maior forma de aliciamento à emigração e foi criticada por eximir a característica de espontaneidade do ato de migrar. A historiografia por muito tempo reduziu os imigrantes a pobres desclassificados, apagando diversidades importantes. Apesar de a maioria dos imigrantes terem origem humilde e estarem desprovidos da oportunidade de escolher destinos melhores, tendo saído de sua terra natal para sobreviver às transformações socioeconômicas e políticas italianas, esses deslocamentos também foram vivenciados por sujeitos conscientes de suas ações.

As cifras atestam a relevância dos italianos no estado de São Paulo e, em particular, no interior. Dos imigrantes entrados no país entre 1872 e 1972, dois milhões e oitocentos mil foram encaminhados a esse estado, correspondendo principalmente a italianos (36%), portugueses (20%), espanhóis (16%) e japoneses (8%). Zuleica Alvim (1986, p. 118) aponta que, no panorama nacional, São Paulo foi o destino de cerca de 70% dos italianos que chegaram ao país entre 1870 e 1920. Por sua vez, Angelo Trento (2022, p. 109) estimou em 67% esse percentual entre 1889 e 1919, sendo o ápice na primeira década do século XX, quando atingiu 79%. No recenseamento de 1920, embora o fluxo de italianos em direção ao Brasil já tivesse diminuído, foram apurados 558.405 italianos no país, sendo 71% residentes no estado de São Paulo. Contudo, tal percentual não considerava o abundante número de filhos de italianos nascidos no Brasil.

O período mais intenso de chegadas ocorreu entre 1886 e 1900, quando os italianos representaram 57% de todos os imigrantes que entraram no país. Essa participação diminuiu a partir de 1902, quando a Itália passou a dificultar a imigração subsidiada ao Brasil, devido às notícias das péssimas condições vividas por esses imigrantes nas fazendas paulistas (Trento, 2022, p. 57-66). A imensa maioria dos italianos dirigiu-se para o interior, conduzidos para a faina do café. Thomas Holloway (1984) estimou que, entre 1893 e 1910, nove em cada dez indivíduos que deixaram a Hospedaria de Imigrantes no bairro paulistano do Brás dirigiram-se ao oeste paulista, especialmente nas áreas alcançadas pelos eixos das ferrovias Paulista e Mogiana. No censo de 1920, aproximadamente 400 mil italianos habitavam o estado, sendo 77% domiciliados fora da capital.

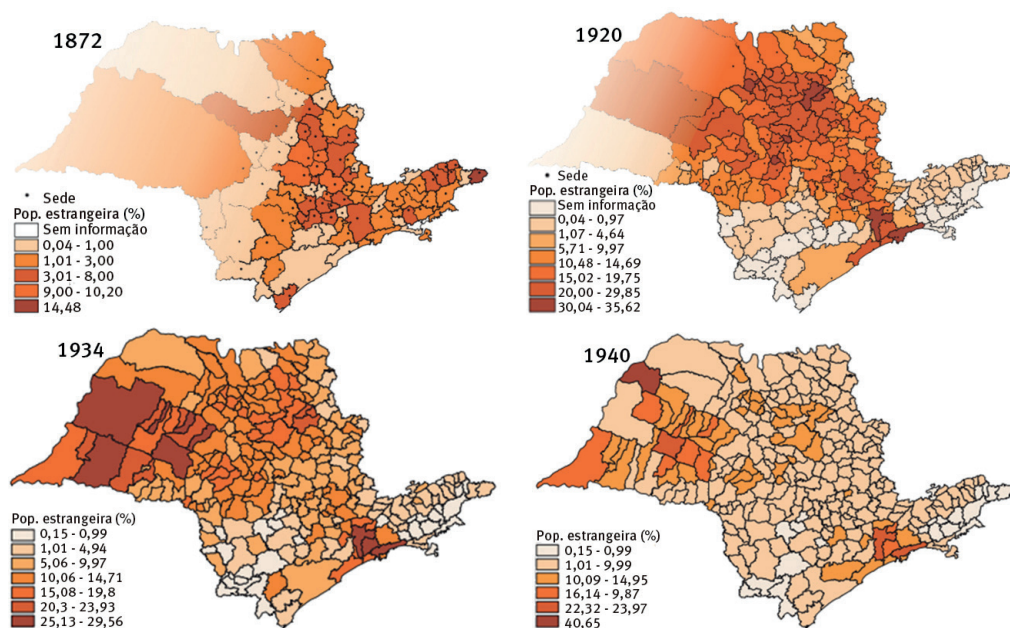
Os mapas da Figura 1 mostram a evolução da presença estrangeira no estado de São Paulo, entre 1872 e 1940.⁴ É possível observar, no final do século XIX, o processo de instalação dos estrangeiros nas áreas cafeeicultoras mais antigas em direção ao oeste do estado e a expansão ferroviária, o que se mostrou ainda mais forte pela mudança no perfil desses imigrantes, graças ao estabelecimento de políticas imigratórias oficiais e à implantação do sistema de subsídios em março de 1884.

A distribuição dos diferentes grupos nacionais de imigrantes no território paulista, em meados do século XX, era resultado da magnitude dos diferentes fluxos de imigrantes entrados em diferentes momentos e das mudanças, em termos de ocupação econômica do território, que foram se processando no contexto histórico estadual. (Bassanezi *et al.*, 2008, p. 73)

Os mapas do *Atlas da imigração internacional em São Paulo: 1850-1950* revelam a distribuição espacial e comparam o volume de estrangeiros no estado de São Paulo no decorrer do tempo, principalmente após a entrada maciça de europeus que transformou o interior paulista e alterou o perfil da população a partir das décadas finais do século XIX (Bassanezi *et al.*, 2008).

⁴ O recenseamento de 1886 apresenta falhas de cobertura e não possui dados para todas as localidades do estado, inclusive para Franca, Campinas, Rio Claro e Mogi Mirim.

FIGURA 1
Percentual de estrangeiros
1872-1940



Fonte: Bassanezi *et al.* (2008).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a fronteira agrícola, em permanente expansão rumo ao oeste do estado, integrou a região de Franca num processo de incorporação crescente de terras a uma agricultura de exportação e assentamento progressivo de famílias imigrantes. Esse território heterogêneo sofreu intensas transformações com a chegada da ferrovia, que ofereceu transporte aos produtos da lavoura e mobilidade para a mão de obra estrangeira.

De 1872 a 1920, a presença estrangeira em Franca teve um acréscimo superior a dez pontos percentuais. Nos recenseamentos posteriores, entretanto, observou-se redução tanto do número quanto da proporção de estrangeiros em todo o estado, em decorrência da diminuição do fluxo migratório, da mortalidade associada ao envelhecimento do grupo, da imigração de retorno ou reemigração e da naturalização de vários estrangeiros. Em 1940, a capital paulista tinha a maior concentração de estrangeiros de diferentes nacionalidades, enquanto os municípios do velho oeste paulista, além de Campinas e Ribeirão Preto, concentravam mais italianos.

Essa dinâmica demográfica complexa desenvolveu-se em um arco temporal e espacial de grandes transformações, quando ocorreram a transição do trabalho livre, o avanço da economia agroexportadora, a industrialização, a expansão da malha ferroviária, a urbanização e crises políticas entre oligarquias que afetaram diretamente a tomada de decisão econômica e institucional do recrutamento e contratação de mão de obra estrangeira. É sobre essas transformações no caso francano que trataremos a seguir.

O município de Franca no contexto paulista

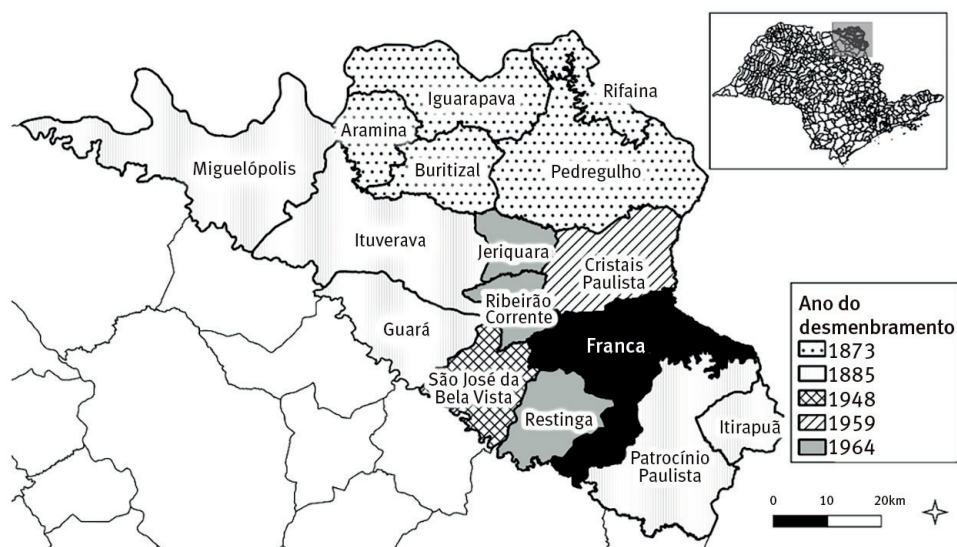
A formação da freguesia de Franca remonta a 1805, tornando-se Vila Franca do Imperador em 28 de novembro de 1824, desmembrada do município de Mogi Mirim.⁵ A elevação à condição de cidade aconteceu em 1856, com a denominação Franca. Sua origem remete à trilha que ligava a Capitania de São Paulo a Goiás e Mato Grosso, desbravada nos séculos anteriores. Ocupada originalmente pelos índios caiapó, com a descoberta das regiões auríferas, a região tornou-se lugar de pouso e concessão de sesmarias (Bacellar; Brioschi, 1999). No início do século XIX, recebeu um fluxo populacional considerável composto por mineiros e goianos do Sertão da Farinha Podre que, expulsos de seus locais de origem pela decadência da mineração, procuravam novas terras para criar gado e fazer lavoura (Chiachiri Filho, 1986). Na rota de expansão do oeste paulista, Franca foi alcançada, em 1887, pelos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e tornou-se destino de milhares de italianos (Gonçalves, 2025), o que alavancou a cafeicultura em escala comercial.

Diante do fortalecimento político e econômico da região, o território original sofreu uma série de desmembramentos entre 1839 e 1964, como mostra a Figura 2. Com essas mudanças, a população de Franca declinou. Segundo o Relatório da Comissão Central de Estatística de 1888, referente ao ano de 1886, a população do território original de Franca chegava a 41.371 habitantes, enquanto a do município era de apenas 10.040 moradores, ou seja, cerca de 25% da população de seu antigo território. A região nordeste do estado de São Paulo, correspondente à Vila Franca do Imperador em princípios do século XIX, abarca hoje 31 municípios, dos quais 22 fazem parte da região administrativa de Franca.

Embora Franca contasse inicialmente com uma força de trabalho composta por escravizados e migrantes nacionais, alimentada pelas altas taxas de natalidade que garantiram o crescimento populacional, a partir dos anos 1880 o município passou a receber um número substancial de imigrantes europeus para trabalhar nas plantações de café e nas atividades urbanas sustentadas por tal economia.

⁵ Franca está a 401 km da capital de São Paulo.

FIGURA 2
Desmembramentos do território de Franca
1873-1964



Fonte: Elaboração do autor.

Entre 1890 e 1920, o município de Franca passou por uma remodelação do seu perfil agrário, com a reacomodação da estrutura produtiva e do perfil da dinâmica econômica regional. Em 1887, a chegada da ferrovia em Franca facilitou o escoamento dos produtos locais e provocou a ampliação e dinamização das práticas econômicas. A cafeicultura, que até então não era a principal atividade produtiva, passou a ser uma nova opção para os proprietários de terras, sem abandonarem as práticas tradicionais, como a pecuária e o plantio de gêneros destinados ao abastecimento interno (Cunha; Diniz, 2019, p. 79). Em 1895, a exportação do café francano alcançava, pela primeira vez, duas mil toneladas embarcadas. Em 1901, contavam-se 4.222.500 pés de café plantados e 294 produtores. Apesar do aumento significativo da empresa cafeicultora, a região foi marcada pela predominância de pequenas e médias propriedades, uma vez que apenas quatro fazendeiros possuíam mais de 100 mil pés de café (Oliveira, 2015; Tosi *et al.*, 2007).

Entre 1872 e 1920, a população de Franca mais que duplicou e sua composição étnica mudou radicalmente. Em 1872, dos 18.335 habitantes, apenas 2,31% (425) foram identificados como estrangeiros, dos quais 80% (340) eram africanos, sendo 26 (6,11%) livres e 314 (73,8%) escravizados. A presença de estrangeiros de origem europeia era reduzida: registravam-se somente seis alemães, um francês, sete italianos e 71 portugueses. Em 1920, os estrangeiros já representavam um sexto da população, perfazendo 6.193 pessoas dos 44.297 habitantes. Fundamentalmente, tal mudança deveu-se ao fortalecimento da imigração europeia, cuja participação passou de 0,46% da população em 1872 para 14% em 1920.

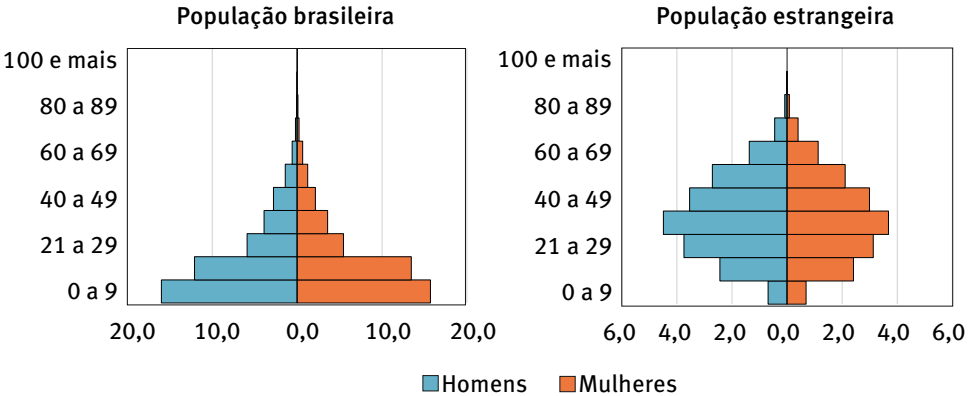
TABELA 1
Evolução da população, por nacionalidade
Município de Franca – 1872-1940

Anos	Brasileira		Estrangeira		Ignorada		Total	
	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%
1872	20.994	98,02	425	1,98	-	-	21.419	100,00
1920	38.104	86,00	6.193	13,98	11	0,02	44.297	100,00
1934	54.914	91,16	5.323	8,84	4		60.237	100,00
1940	52.623	94,37	3.116	5,58	21	0,03	55.760	100,00

Fonte: Diretoria Geral de Estatística (1873-1876), Recenseamento Geral do Império de 1872; Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Diretoria Geral de Estatística (1922), Recenseamento do Brasil de 1920; Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento (1936), Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo de 1934; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamento Geral do Brasil de 1940.

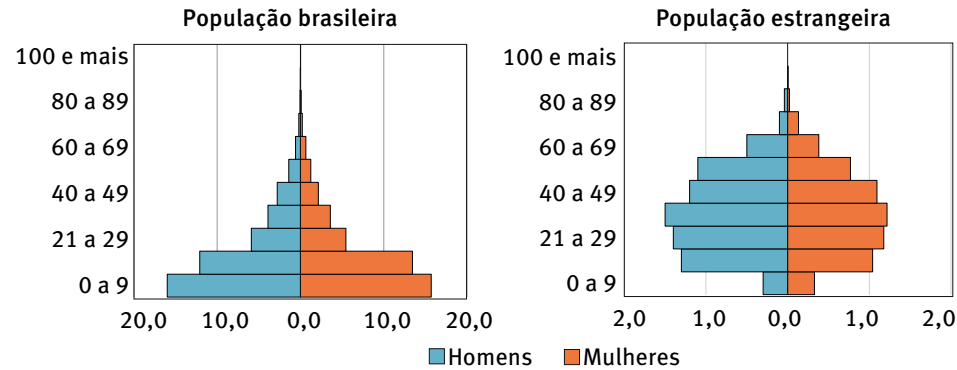
A distribuição da população indica que os brasileiros representavam 98% do total de residentes em 1872, 86% em 1920 e 94% em 1940. Portanto, vale ressaltar que o grupo nacional sofreu alterações significativas ao longo de praticamente 70 anos. No segundo recenseamento, a imigração europeia de massa ainda era um fenômeno recente que havia modificado intensamente a composição da população, que contava com um número elevado de filhos de europeus nascidos no Brasil.

GRÁFICO 1
Pirâmides etárias da população brasileira e estrangeira
Estado de São Paulo – 1920



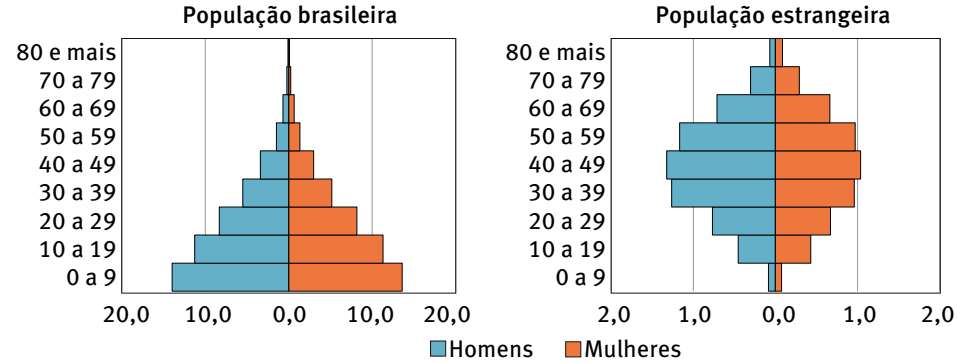
Fonte: Bassanezi (1999, p. 174, 204).

GRÁFICO 2
Pirâmides etárias da população brasileira e estrangeira
Município de Franca – 1920



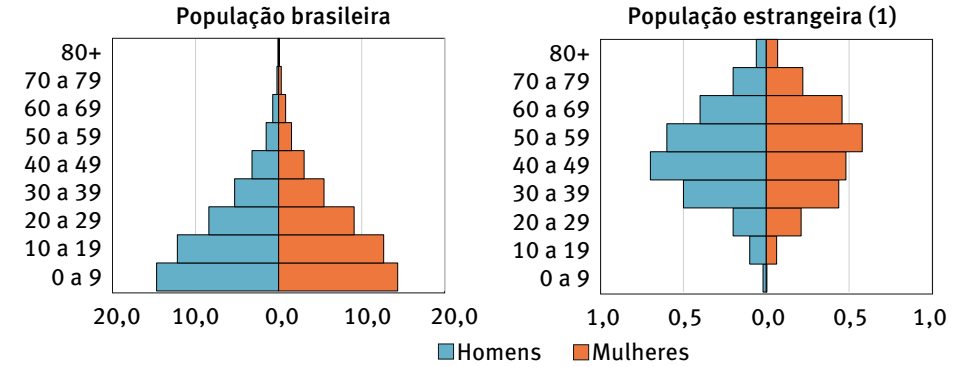
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1950).

GRÁFICO 3
Pirâmides etárias da população brasileira e estrangeira
Estado de São Paulo – 1940



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1950).

GRÁFICO 4
Pirâmides etárias da população brasileira e estrangeira
Município de Franca – 1940



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1950).

(1) Soma da população estrangeira e brasileira naturalizada.

A comparação entre as pirâmides etárias da população brasileira e do grupo italiano para o estado de São Paulo, em 1940, sugere o envelhecimento do contingente estrangeiro. No caso de Franca, onde o ápice da absorção de imigrantes aconteceu na virada do século, uma porção da população, principalmente italiana, naquele momento já havia falecido, migrado para outras áreas e estava mais envelhecida. Tércio Di Gianni (1997, p. 68) apurou que, entre 1889 e 1945, foram registrados 4.346 óbitos de italianos no município de Franca, representando 16,4% dos registros nos dois cartórios da cidade.

Entre os europeus, os italianos eram de longe a maioria, seguidos pelos espanhóis e portugueses, conforme pode ser observado na Tabela 2 para o período de 1920 a 1940. Os italianos ultrapassaram a metade da população europeia em Franca no último ano analisado, enquanto os espanhóis não alcançaram 40% dos europeus nessa localidade.

TABELA 2
Imigrantes europeus, segundo nacionalidade
Município de Franca – 1920-1940

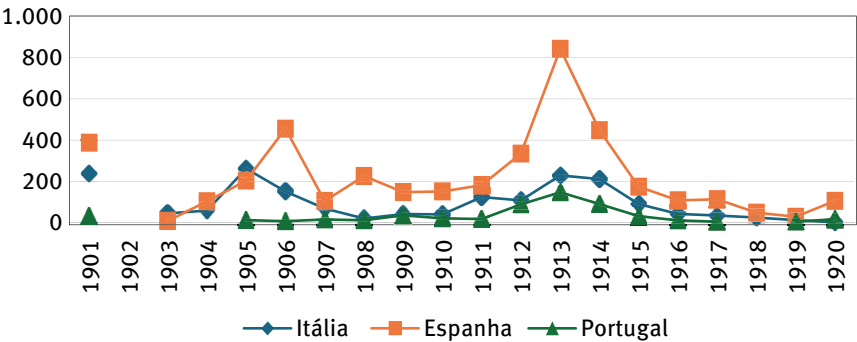
Nacionalidade	1920		1934		1940 (1)	
	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%
Italiana	2.889	48,82	1.957	36,76	1.296	51,39
Espanhola	2.281	38,54	1.642	30,84	1.002	39,73
Portuguesa	617	10,43	420	7,89	205	8,13
Alemã	34	0,57	35	0,65	19	0,75
Russa	30	0,51	-	-	-	-
Austríaca	29	0,49	-	-	-	-
Francesa	19	0,32	-	-	-	-
Polonesa	8	0,14	-	-	-	-
Outras	11	0,19	1.269	23,83	539	17,60
Total	5.918	100,00	5.323	100,00	3.061	100,00

Fonte: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística (1922), Recenseamento do Brasil de 1920; Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento (1936), Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo de 1934; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamento Geral do Brasil de 1940.
(1) Em 1940, foram especificadas apenas as principais nacionalidades. Foram compilados os valores dos brasileiros naturalizados de cada nacionalidade.

As entradas de espanhóis no movimento migratório tornaram-se mais volumosas após 1902, quando o governo italiano proibiu a imigração subsidiada. Os relatórios de saída da Hospedaria de São Paulo, publicados no *Anuario Estatístico de São Paulo*, indicam a nacionalidade dos imigrantes a partir de 1901. A distribuição desses grupos mostra que os espanhóis representavam 52,5% das saídas da Hospedaria com destino a Franca entre 1901 e 1920, enquanto os italianos correspondiam a apenas 24,2%.

Quanto à temporalidade das chegadas, vale ressaltar que os italianos foram os primeiros a compor o fluxo migratório para Franca, com entradas mais intensas até o início do século XX. Embora essa corrente migratória tenha sido superada pelo fluxo de espanhóis, os italianos permaneceram predominantes nos recenseamentos de 1920 e 1940, mantendo vantagem superior a dez pontos percentuais sobre os espanhóis, conforme demonstrado na Tabela 2.

GRÁFICO 5
Imigrantes saídos da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo com destino a Franca, segundo país de origem
1901-1920



Fonte: São Paulo (1901-1920), Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.

Em Ribeirão Preto, principal destino das saídas da Hospedaria de Imigrantes da capital e cuja produção de café tornou-se exemplo de riqueza para o interior paulista, os italianos também dominaram o fluxo migratório até 1905, quando foram suplantados pelos espanhóis (São Paulo, 1901-1920).

TABELA 3
Imigrantes saídos da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo com destino a Franca, por país de origem
1901-1920

Anos	País de origem										Total	Pos. Est.
	Itália		Espanha		Portugal		Nacionais		Outros			
	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	%	N abs.	
1901	239	34,7	388	56,4	34	4,9	27	3,9	-	-	688	22º
1902	137	32,5	63	15,0	98	23,3	123	29,2	-	-	421	22º
1903	46	80,7	9	15,8	-	-	2	3,5	-	-	57	34º
1904	60	35,7	104	61,9	2	1,2	2	1,2	-	-	168	29º
1905	263	51,2	204	39,7	14	2,7	25	4,9	8	1,6	514	23º
1906	152	24,3	456	73,0	8	1,3	8	1,3	1	0,2	625	19º
1907	70	35,4	106	53,5	17	8,6	4	2,0	1	0,5	198	34º
1908	21	7,4	227	80,2	13	4,6	20	7,1	2	0,7	283	29º
1909	43	17,3	149	60,1	37	14,9	19	7,7	0	0,0	248	33º
1910	41	18,7	152	69,4	22	10,0	4	1,8	0	0,0	219	40º
1911	125	35,7	183	52,3	19	5,4	23	6,6	-	-	350	32º
1912	109	18,3	335	56,1	90	15,1	55	9,2	8	1,3	597	29º
1913	230	15,5	842	56,9	148	10,0	106	7,2	155	10,5	1.481	14º
1914	212	21,3	448	45,1	91	9,2	77	7,8	165	16,6	993	13º
1915	91	27,2	175	52,4	33	9,9	30	9,0	5	1,5	334	18º
1916	44	16,9	109	41,8	12	4,6	84	32,2	12	4,6	261	27º
1917	36	14,2	114	44,9	6	2,4	70	27,6	28	11,0	254	37º
1918	26	21,0	50	40,3	-	-	22	17,7	26	21,0	124	44º
1919	14	10,9	30	23,4	6	4,7	59	46,1	19	14,8	128	43º
1920	3	2,0	107	70,9	18	11,9	8	5,3	15	9,9	151	57º
Total	1.962	24,2	4.251	52,5	668	8,3	768	9,5	445	5,5	8.094	

Fonte: São Paulo (1901-1920), Anuário Estatístico do Estado de São Paulo.

No cenário da Hospedaria de Imigrantes, a partir de 1901, as saídas para Franca não eram tão expressivas quanto para outras localidades do interior paulista. A melhor posição alcançada pelo município foi em 1914, quando chegou ao 13º lugar entre os destinos de trabalhadores estrangeiros. Ribeirão Preto, São Carlos e Jaú mantiveram-se sempre à frente no quesito recepção de mão de obra imigrante.

Cabe salientar que a imigração subsidiada constitui o diferencial que explica o deslocamento em massa de italianos, seguidos pelos espanhóis, ao estado de São Paulo. Entre 1901 e 1920, saíram da Hospedaria de Imigrantes para Franca 1.962 italianos, 4.251 espanhóis, 668 portugueses e 768 trabalhadores nacionais. Em 1908, os espanhóis representavam 80,2% dos imigrantes enviados a Franca. Já em 1913, o município recebeu da Hospedaria mais de mil novos migrantes, dos quais 842 (56,9%) eram espanhóis. Esse fenômeno ocorreu na maioria das localidades servidas pelas Companhia Paulista e Mogiana, como no caso de São Carlos (Truzzi; Palma, 2014, p. 468). Isso significa que esse grupo chegou ao município já em uma fase declinante da economia cafeeira local, diferente do cenário encontrado pelos italianos que se deslocaram para essa localidade a partir de 1887.

A comparação entre italianos e espanhóis é oportuna porque ambos se empregaram massivamente como colonos, ocupando a maior parte das posições no regime de colonato paulista. Nota-se, porém, que nesse contexto das chegadas os italianos levaram certa vantagem, porque muitas famílias alcançaram essas áreas produtoras de café ainda no final do século XIX, quando a produção cafeeira estava em plena expansão.

Italianos em Franca: aspectos sociodemográficos

Grande parte do fluxo de imigrantes destinava-se ao trabalho nas fazendas de café, em todas as etapas da produção que esta lavoura exigisse. A absorção de contingentes cada vez mais significativos de imigrantes pelo interior de São Paulo ocorreu a partir da década de 1880, quando a desagregação do escravismo impôs a busca de um novo regime de trabalho. Nesse contexto, os fazendeiros paulistas passaram a considerar o trabalhador estrangeiro mais produtivo para a cultura dos cafezais. O colonato representou o sucesso de uma série de tentativas de organizar e controlar o processo de produção do café empreendidas desde meados do século XIX.⁶ Nesse regime, o colono correspondia a todo o grupo familiar que executava o trabalho com o “trato do café”, ou seja, o cuidado do cafezal, mediante pagamento predefinido em dinheiro. Os contratos eram feitos segundo o número de pés de café e a quantidade de membros da família aptos ao trabalho. Muitos colonos aproveitavam culturas intercalares para produzir outros gêneros nos espaços das ruas do cafezal, obtendo cereais para consumo próprio ou para vender, a fim de obter alguma remuneração adicional.

⁶ Sobre o regime de colonato ver Bassanezi (2019, p. 78-88), Costa (2010) e Vangelista (1991).

O elemento estrangeiro, simbolizado pelo trabalhador branco e livre, era visto como a máquina agrícola que ele representava, ou seja, o braço para a enxada nos trabalhos com os cafeeiros. Do outro lado, ao cruzarem o Atlântico, esses europeus evadiam-se das agruras econômicas por que passavam no Velho Mundo, nutridos pela expectativa de melhorias de vida que incluíam o sonho de tornarem-se proprietários de terras. Os italianos, encapsulados pela escassez de terras em seus torrões natais, iludiram-se com o eldorado que lhes era apresentada a América.

A emigração abalou a fisionomia demográfica e econômica e toda a geografia humana dos continentes, transcendendo as capacidades e possibilidades de ação e reação do governo italiano, ainda mais por se tratar de um pequeno e frágil país que sofria com uma severa crise revelada por um determinado “estágio de exuberância demográfica” (Franzina, 2006, p. 63). Acima de tudo, a emigração italiana estava atrelada “às condições da agricultura em geral e o estado das classes agrícolas em particular” (Franzina, 2006, p. 35), sendo

[...] um fenômeno interno das regiões que a produziam e uma tentativa de remediar as causas que a determinavam, e que tinham a sua raiz nas estruturas econômicas da sociedade do século XIX, suas relações de produção e suas relações de classe, ou seja, no estado de mal-estar difuso que atormentava a agricultura e os camponeses. (Franzina, 2006, p. 82)

As estatísticas elaboradas por Franzina (2006) mostram que, entre 1876 e 1901, período posterior à Unificação Italiana (1871), o total de emigrantes chegou a 2.770.006 em condição definitiva e 3.022.540 temporários, totalizando 5.792.546 italianos fora da terra natal. A região do Vêneto respondeu por 14,6% dos emigrantes permanentes e por 49,5% dos temporários, num total de 1.904.719 experiências migratórias.

Quanto à proveniência regional dos imigrantes, Alvim (1986) ressalta que as variações da região de origem devem-se mais às condições expulsoras da Itália. Já Trento (2022, p. 43), pelo contrário, sublinha que a predominância de trabalhadores setentrionais correspondia também às preferências manifestadas pelos fazendeiros paulistas por vênnetos e lombardos, conhecidos por sua parcimônia, frugalidade e docilidade. Inclusive, os contratos de introdução de emigrantes excluíam explicitamente os italianos provenientes da Sardenha, da Emília-Romanha e das Marcas, porque eram considerados desobedientes e rebeldes.

É válido notar a diversidade regional nos três períodos considerados. De 1878 a 1886, emigraram com destino ao Brasil, especialmente, os vênnetos e lombardos para a agricultura e uma porção de meridionais, estes últimos, sobretudo, para os centros urbanos. Posteriormente, entre 1887 e 1895, o deslocamento de setentrionais é nitidamente mais relevante. A partir de 1893, a emigração das províncias ao Sul começa a dar sinais de aumento até tornar-se majoritária após 1898. Para Trento (2022, p. 43), essa prevalência regional temporária se verifica por dois motivos: os vênnetos estavam mais ligados ao setor agrícola enquanto os meridionais buscavam afazeres também no artesanato, no comércio e nos trabalhos marginais urbanos; além disso, estes últimos começaram a emigrar em massa apenas quando a situação criada pela crise agrária se tornou realmente insustentável.

O caso dos italianos em Franca permite aprofundar outros aspectos ainda pouco explorados pela Demografia Histórica no estado de São Paulo. É interessante observar os registros paroquiais de casamento entre italianos e o que eles revelam a respeito das origens regionais e provinciais do grupo. De um universo de 4.202 casamentos envolvendo o grupo étnico italiano,⁷ em 1.202 (28,6%) uniões ao menos um dos cônjuges era imigrante, sendo 1.017 homens e 748 mulheres naturais da Itália. Desses indivíduos, 1.351 (76,5%) tiveram suas origens identificadas, dos quais 702 (39,7%) eram vênnetos. Mais de um terço destes últimos provinham da província de Rovigo (311 ou 44,3%), seguidos por aqueles de Verona (125 ou 17,8%) e Pádua (119 ou 16,9%), que juntos representavam 79% desta origem regional. Um olhar sobre o local de nascimento dos noivos italianos, nos primeiros anos após a imigração, não deixa dúvidas sobre a existência de um controle familiar na escolha dos parceiros, principalmente no sentido de reforçar os relacionamentos pretéritos à imigração (Gonçalves, 2021). Analisando-se os padrões conjugais vigentes entre os italianos em Franca, no período de 1885 a 1945, observa-se uma forte tendência endogâmica, pois uma parcela dos casamentos ocorreu entre pessoas provenientes da mesma localidade na Itália, possivelmente influenciada pela organização do espaço e do trabalho nas fazendas, onde se tinha o hábito de alocar patrícios e parentes em uma mesma colônia (Gonçalves, 2023, p. 225).

A significativa presença de vênnetos, especialmente das províncias de Rovigo, Verona e Pádua, coaduna com as observações de Franzina (2006, p. 77) para a causa da emigração dos campos italianos:

[...] as tempestades, a seca, os terremotos e as inundações que se [suciam] com uma frequência e uma intensidade de fato extraordinária, mas como as desgraças nunca vêm sozinhas, todos esses eventos adquiriam grande peso por serem concomitantes com fatos decisivos de índole totalmente diferente: os altos impostos, a concorrência do trigo estrangeiro, o atraso tecnológico e também, em muitos lugares, a transformação capitalista dos campos.

Aos fatores de ordem econômica e demográfica somaram-se as perturbações climático-ambientais que intervieram na aceleração e no aumento do fluxo emigratório vênneto nas áreas onde a população abundava. Os abalos climáticos sucederam-se com frequência e intensidade na segunda metade do século XIX, em razão do início de uma nova fase climática secular gerada pela diminuição das geleiras (Franzina, 2006, p. 227). As tempestades, as inundações, as chuvas de granizo, as secas e outros fenômenos atmosféricos causaram danos não só à agricultura, mas também a outras atividades econômicas, tanto nos campos quanto nos centros urbanos. A grave inundação que abalou as terras baixas do Polesine e da província de Verona e a rigidez no inverno produziram um certo incremento no movimento da emigração permanente nas áreas próximas às margens dos rios Adige e Pó, locais que

⁷ Essa amostra é composta pelos casamentos celebrados entre 1885 e 1945 nas igrejas de Franca e das vilas que pertenciam ao município: Cristais Paulista, Restinga, Ribeirão Corrente e São José da Bela Vista.

mais contribuíram com famílias camponesas para o trabalho na faina do café no município de Franca (Gonçalves, 2023, p. 187).

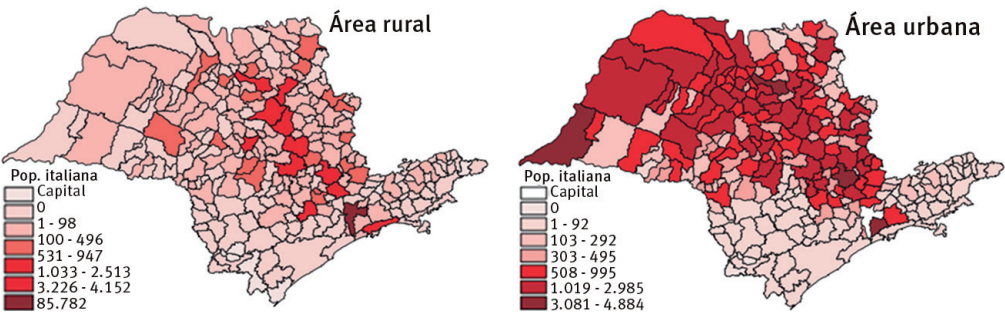
Os dados extraídos no banco de dados *Italianos em Franca* revelam que, a partir de meados da década de 1890, as terras francanas passaram a receber dezenas de famílias provenientes de outras regiões italianas, como a Lombardia, no norte, e Abruzzos e Calábria, no sul, num quadro de inversão de tendência da febre emigratória entre regiões. De 1887 a 1895, os emigrantes do norte da Itália representavam impressionantes 71,8% das saídas italianas, enquanto os do sul correspondiam a apenas 21,9%. Já entre 1896 e 1902, o peso desses grupos se inverteu, tendo o norte participado com 30,1% e o sul com 53,1% dos imigrantes entrados no país (Trento, 2022, p. 41-2).

O comportamento ao emigrar e na nova sociedade, entre meridionais e setentrionais, tinha marcas da sociedade de origem (Alvim, 1986, p. 62). Na Itália meridional e setentrional, as regiões de montanhas e colinas eram caracterizadas por pequenas e médias propriedades e as planícies compostas por médias e grandes. Apesar de a Itália ser um país de território limitado, a Unificação e a implantação do capitalismo nos campos pouco contribuíram para corrigir suas diferenças regionais.

Tanto no norte, onde a industrialização não teve condições de absorver o excedente de mão de obra, quanto no sul, com características feudais e aspectos de servidão, a sobrevivência passava pela emigração, que alimentou de mão de obra as fazendas cafeeiras do município graças ao apoio da política de subsídios à imigração empreendida pelo governo do estado, que financiava chamadas de parentes e conhecidos das famílias de colonos para o trabalho nas fazendas, em um modelo dinâmico de incorporação de novos imigrantes graças ao pioneirismo daqueles que chegaram primeiro e constituíram suas redes de solidariedade que produziram efeitos sobre a implantação de novas famílias no território (Truzzi; Volante, 2021). Com o tempo, evidentemente que esses italianos procuraram reunir pecúlios para ascenderem à posição de pequenos proprietários.

Observando-se a distribuição da população no estado em 1934, nota-se que os italianos ainda permaneciam no campo, pois, de cada três indivíduos, dois habitavam esse meio. De fato, naquele ano, quando foi realizado o primeiro recenseamento que distinguia habitantes de áreas urbanas e rurais, 51,4% dos italianos no estado ainda permaneciam nas áreas rurais, ao lado dos portugueses (29,5%), espanhóis (58,1%) e japoneses (91,7%), estes últimos de imigração mais recente e ainda concentrados nas atividades agrícolas.

FIGURA 3
População italiana em área rural e urbana
1934



Fonte: Bassanezi et al. (2008, p. 63).

Em Franca, os estrangeiros representavam 8,84% da população em 1934, dos quais 3,25% eram italianos. Entre os grupos imigrantes, apenas os japoneses viviam majoritariamente nas áreas rurais. No campo residiam 96,5% dos japoneses, 62,0% dos italianos, 67,8 dos espanhóis, 53,0% dos portugueses, 65,7% dos alemães e apenas 22,4% dos sírios. Em comparação com outras localidades do estado, Franca apresentava proporções relativamente mais elevadas de estrangeiros tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas.

TABELA 4
População, por situação de domicílio, segundo nacionalidade
Município de Franca – 1934

Nacionalidade	População				Total
	Urbana		Rural		
	N. abs.	%	N. abs.	%	
Brasileira	16.202	29,5	38.712	70,5	54.914
Italiana	743	38,0	1.214	62,0	1.957
Espanhola	528	32,2	1.114	67,8	1.642
Portuguesa	197	46,9	223	53,1	420
Alemã	12	34,3	23	65,7	35
Japonesa	24	3,5	667	96,5	691
Síria	225	77,6	65	22,4	290
Outras	138	48,6	146	51,4	284
Não declarada	3	75,0	1	25,0	4
Soma estrangeiros	1.870	35,1	3.453	64,9	5.323
Total	18.072	30,0	42.165	70,0	60.237

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1950), Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1º de setembro de 1940.

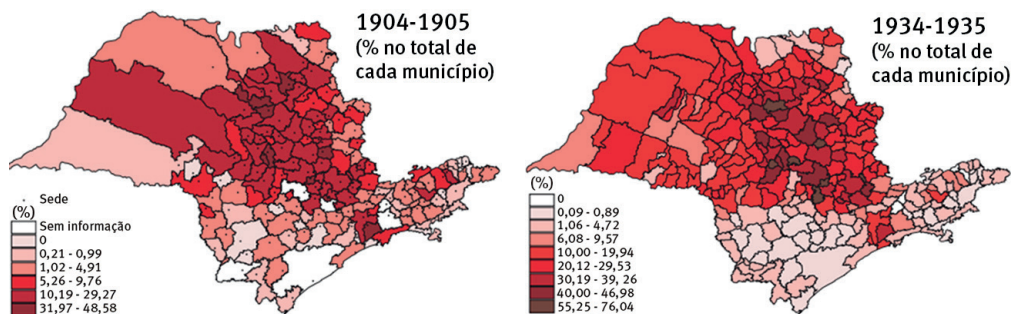
Embora inicialmente recrutados como colonos para a lavoura de café, parte dos italianos que permaneceram no estado havia ingressado, em 1934, na classe dos proprietários de terras. Outros inseriram-se em atividades urbano-industriais, tanto no comércio quanto nos serviços nas cidades do interior, sobretudo nas atividades coureiro-calçadistas

empreendidas em Franca no decorrer do século XX (Barbosa, 2005; Coutinho, 2008) e que empolgavam pelo faturamento da produção exportada pelos membros da colônia italiana. Em 1939, Silvio Pucci, Martim e Januário Cervi, Pedro Spessoto e Orlando Paludetto controlavam, juntos, 50% dos curtumes existentes na cidade (Di Gianni, 1994).

Em 1904-1905, a região da Mogiana tinha 69% de sua área cultivada em café, enquanto o estado todo possuía 55,3% (Colistete, 2015, p. 338). Esse período foi marcado pelo fenômeno da fragmentação das propriedades, pois os cafeicultores de maior porte foram atingidos pela crise do final do século e precisaram se desfazer de porções de terra para saldar suas dívidas. Os imigrantes, especialmente italianos e espanhóis, aproveitaram a situação para acessarem à propriedade de terras, graças ao espírito de economia familiar e aos créditos mantidos com os velhos cafeicultores.

Segundo a *Estatística agrícola e zootécnica do estado de São Paulo no ano agrícola de 1904-1905*, Franca possuía 384 propriedades agrícolas distribuídas entre 401 proprietários, dos quais 393 (98%) eram brasileiros, cinco (1,24%) italianos, dois (0,4%) portugueses e um (0,2%) alemão. De um total de 56.785 alqueires, 4.273 eram cultivados, sendo os cafezais o principal produto dessas terras, perfazendo 3.834 alqueires, seguido por 208 alqueires de canaviais, 102 de milharais, 76 de arrozais, 47 de feijoads e 2 de algodoads. O pessoal empregado nessas propriedades somava 1.985 nacionais e 1.720 estrangeiros. Entre os proprietários europeus, um alemão detinha 159 alqueires e 44 animais e os italianos possuíam 61 alqueires e 158 animais (Bassanezi; Francisco, 2003).

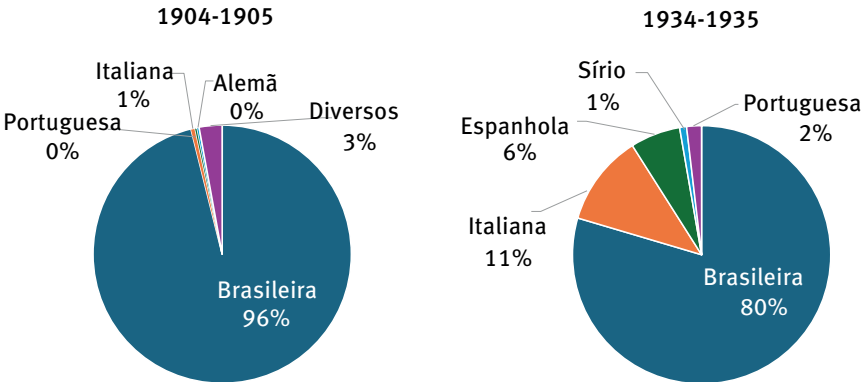
FIGURA 4
Propriedades agrícolas pertencentes a italianos
1904-1935



Fonte: Bassanezi et al. (2008, p. 96-97).

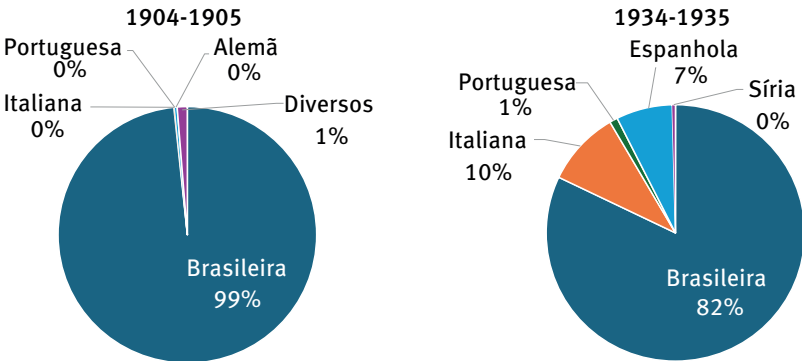
Em comparação com os outros municípios do estado, entre 1904 e 1934, os italianos ampliaram significativamente sua participação na propriedade rural em Franca, inclusive entre os outros grupos de imigrantes. Em 1904, os italianos detinham apenas 1,2% das propriedades agrícolas do município; em 1934, passaram a controlar 11,4% dos estabelecimentos, correspondendo a 12,7% do valor das propriedades rurais e a 9,4% da área média dos estabelecimentos agrícolas. Esse processo ocorreu em todo o estado, onde a área ocupada pelas propriedades de imigrantes evoluiu de 9,5% para 24%, entre 1904 e 1934 (Bassanezi et al., 2008, p. 92).

GRÁFICO 6
Distribuição dos estabelecimentos agrícolas, segundo a nacionalidade do proprietário
Município de Franca – 1904-1935



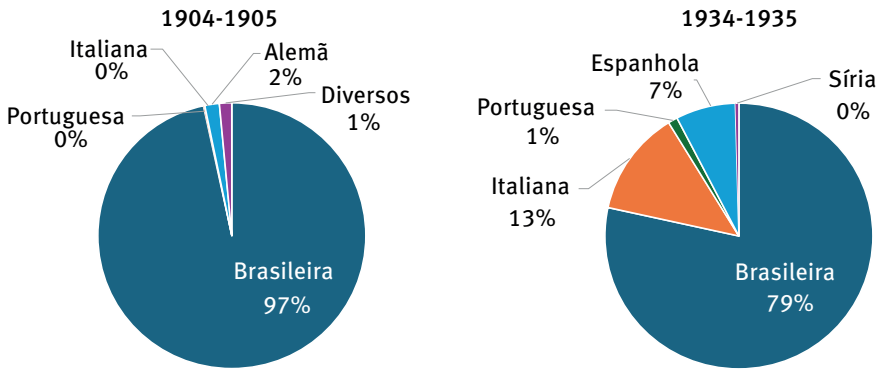
Fonte: Bassanezi; Francisco (2003); Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento (1936), Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo realizado em 20 de setembro de 1934.

GRÁFICO 7
Distribuição da área média (ha) dos estabelecimentos agrícolas, segundo a nacionalidade do proprietário
Município de Franca – 1904-1935



Fonte: Bassanezi; Francisco (2003); Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento (1936), Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo realizado em 20 de setembro de 1934.

GRÁFICO 8
Distribuição do valor dos estabelecimentos agrícolas, segundo a nacionalidade do proprietário
Município de Franca – 1904-1935

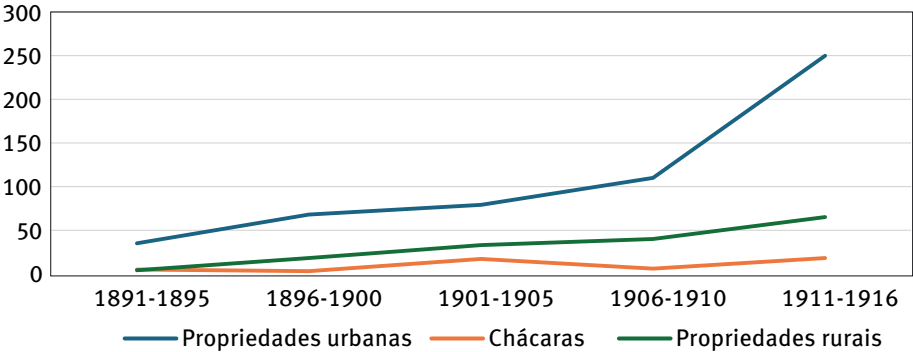


Fonte: Bassanezi; Francisco (2003); Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento (1936), Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo realizado em 20 de setembro de 1934.

O acesso à propriedade rural pelos italianos em Franca evoluiu entre 1904 e 1934, considerando-se os percentuais relativos ao número, à área e ao valor das propriedades agrícolas. Vale ressaltar que essas cifras não especificam os estabelecimentos nas mãos dos filhos de estrangeiros, que são computados como brasileiros e se multiplicaram intensamente com o passar das décadas.

As transações imobiliárias observadas por Di Gianni (1994) revelam que, entre 1891 e 1916, 426 registros de compra e 301 de venda envolviam proprietários italianos em Franca, que mantinham atuações diversas na economia local, tais como: negociantes, lavradores, artistas, pedreiros, empreiteiros, jornalheiros, padeiros, industriais, carroceiros, médicos, cervejeiros, farmacêuticos, fazendeiros, capitalistas, sapateiros, caldeireiros, carpinteiros e operários. A distribuição dos registros de transferência de imóveis desse grupo mostra que 542 transações eram de propriedades urbanas, 49 chácaras no perímetro urbano e 160 nas áreas rurais.

GRÁFICO 9
Registros de transferência de imóveis com italianos envolvidos, segundo localização e tipo de propriedade
Município de Franca – 1891-1916



Fonte: Elaborado a partir de Di Gianni (1994, p. 17).

No meio urbano, diferentemente do que aconteceu com os sírios e libaneses, que historicamente lograram se estabelecer massivamente no ramo comercial no estado, os italianos não ocuparam exclusivamente nichos econômicos importantes do mercado. Nesse sentido, Di Gianni (1997, p. 70) explorou os imigrantes de “boa estrela” na comunidade francana, observando que eles constituíram

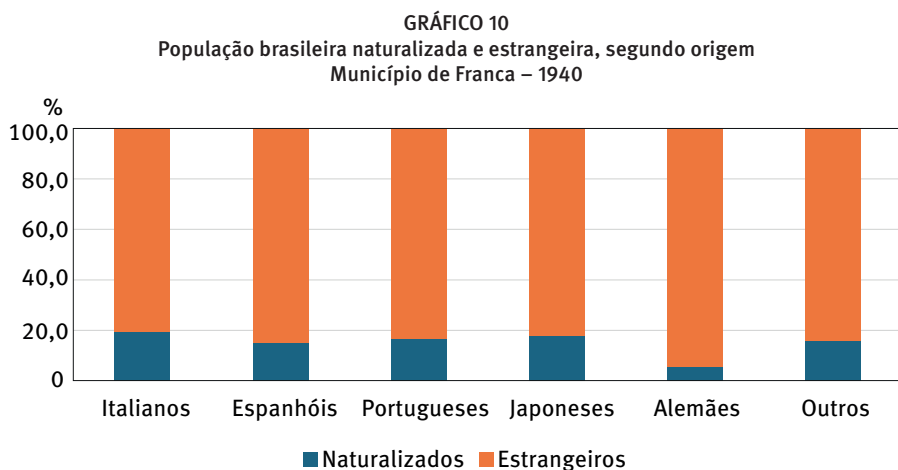
[...] por vezes monopólios étnicos e étnico-familiares, como o caso dos Barini em oficinas metalúrgicas, ou dos Minervino na marmoraria (especialmente na escultura funerária), farmácia (Cinielli, Petraglia), pirotecnia (Scarabucci), cervejaria (Banti, Corsi, Cecchi), curtimento de couro (Pucci, Cervi, Ferrari, Fellippi), sapataria (Jacomelli), padaria (Gasparini, Poletti, Sanzoni, Zardini), construção civil (Archetti, Baldissera, Biancalana, Casarotti, Di Giacomo, Fascanelli, Ferrari, Gullo, Sigalotto, excluídos os artistas), carpintaria (Naldi) e outros.

Esses italianos de “boa estrela” estabelecidos no ambiente urbano se organizaram, ainda no final do século XIX, para fundar sodalício de apoio mútuo. A *Società di Mutuo Soccorso Fratelli Italiani Uniti*, datada de 1892, inspirou-se nas associações espalhadas pelas cidades do interior paulista, que buscavam organizar os projetos da colônia italiana na maior parte dos municípios. Um dos combates empreendidos por esses italianos era o projeto de acumulação, cuja premissa foi resgatar a unidade familiar enfraquecida com os desgastes socioeconômicos sofridos desde a terra de origem. Fizeram parte das estratégias desses imigrantes o espírito de economia, a valorização do trabalho e a cooperação familiar, almejando a aquisição de propriedade, quer seja rural ou urbana (Di Gianni, 1997, p. 157).

O associativismo entre os italianos também era uma forma de inserção social e no ambiente pensado para suas práticas socioculturais, bem como para articulação política.

Na década de 1930, contudo, o Brasil foi palco de uma política nacionalista que restringiu a entrada de estrangeiros, nacionalizou escolas étnicas, proibiu a circulação de jornais em língua estrangeira e resultou em certa intolerância em relação à afirmação étnica. Esse regime reverberou nos cálculos apurados pelo recenseamento de 1940, que mostrou um declínio no volume e na proporção de estrangeiros em todo o interior de São Paulo, em função desse movimento político, do envelhecimento da população imigrante e dos processos de naturalização empreendidos por uma parcela dos estrangeiros fixados definitivamente no Brasil (Bassanezi *et al.*, 2008, p. 71).

O recenseamento de 1940, inclusive, distinguiu os não nascidos no Brasil em estrangeiros e brasileiros naturalizados. Em Franca, dos 1.296 italianos residentes, 249 (19,2%) haviam se naturalizado. Entre os japoneses, a taxa de naturalização foi de 17,6%, seguidos pelos portugueses (16,5%) e espanhóis (14,7%).



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1950), Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1º de setembro de 1940.

A imigração internacional em direção ao Brasil, especialmente para o estado de São Paulo, já vinha diminuindo em razão da crise econômica mundial e da política restritiva do governo Vargas. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esse movimento reduziu-se ainda mais. Apesar desse fenômeno não retomar sua força como nos períodos anteriores, as consequências da escala e da intensidade alcançadas por ele, nas décadas anteriores, criaram marcas profundas na sociedade brasileira. Até hoje é possível ver sinais da presença italiana na dinâmica das sociedades do interior paulista.

Considerações finais

A distribuição dos grupos imigrantes pelo território paulista foi resultado da magnitude dos diferentes fluxos entrados no estado no contexto histórico das transformações ocorridas na virada do século XIX para o XX. A entrada de italianos no estado de São Paulo foi a mais expressiva não apenas pela sua representatividade numérica, mas também pelo impacto da dinâmica política do período. Os italianos, envolvidos em uma crise econômica e demográfica, encaixavam-se aos parâmetros para a implantação de uma política imigratória, visto que eram trabalhadores imbuídos de um espírito de valorização do trabalho e cooperação familiar. Modelo ideal para efetivar a “transição da mão de obra escravizada para livre”, os italianos transitavam abundantemente pelo interior paulista, afirmando uma identidade étnica particular pelo vasto interior onde predominou a economia cafeeira (Truzzi, 2016).

No caso de Franca, a participação de italianos na composição da população europeia do município apresentou importantes oscilações ao longo do período analisado: nos recenseamentos de 1872, 1920, 1934 e 1940 os italianos representavam, respectivamente, 8,23%, 48,8%, 36,7% e 51,3% da população europeia local. Essas variações decorreram tanto da diminuição do fluxo de italianos quanto da entrada de outros grupos

nacionais, além da mortalidade devido ao envelhecimento do grupo e das imigrações de retorno ou reemigrações.

Em relação à mobilidade socioeconômica desse grupo, observa-se que 62,0% dos italianos ainda viviam nas áreas rurais em 1934, onde uma parte passou de colono a proprietário. Em 1904-1905, cinco italianos haviam ascendido à posição de proprietários, mantendo 61 alqueires. Já em 1934-1935, o número de proprietários italianos aumentou para 117, o que perfazia 11,4% do número de estabelecimentos agrícolas e uma área de 4.588 alqueires.

No meio urbano, onde o patrimônio imobiliário dos italianos mais que triplicou entre 1901 e 1916, esses imigrantes ofereciam seus ofícios em atividades artesanais e industriais, organizando-se ainda no final do século XIX para a fundação da *Società di Mutuo Soccorso Fratelli Italiani Uniti*. Com o passar do tempo, muitos italianos e seus descendentes se envolveram com a indústria coureiro-calçadista, que se desenvolveu em Franca e cuja aglomeração industrial constituiu o maior polo fabricante de calçados masculinos do país (Coutinho, 2008).

Embora o fenômeno migratório em Franca não tenha sido tão significativo quanto na região de Ribeirão Preto, estudos sobre a presença de italianos e de outros grupos nacionais no interior paulista são importantes para compreender as transformações demográficas e sociais ocorridas nas cidades interioranas no decorrer do tempo. Embora Franca conte com universidades e programas de pós-graduação e alguns trabalhos realizados sobre a imigração internacional para essa localidade, ainda há espaço para a produção de novos estudos sobre a implantação de estrangeiros no território, especialmente quando se considera o contexto do interior paulista, distante da capital e das zonas de maior impacto econômico.

Agradecimentos

O autor agradece à Profa. Dra. Máisa Faleiros da Cunha (Nepo/Unicamp), pela leitura do rascunho, à Profa. Dra. Maria Silvia Beozzo Bassanezi, pela disponibilização de alguns mapas e ao Prof. Dr. Thiago Bonatti, pelo envio de alguns dados estatísticos do passado.

Referências

- ALVIM, Z. **Brava gente!** Os italianos em São Paulo. 1870-1920. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.
- BACELLAR, C. de A. P.; BRIOSCHI, L. R. **Na estrada do Anhanguera:** uma visão regional da história paulista. São Paulo, SP: Humanitas, 1999.
- BARBOSA, A. de S. Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista. **Histórica**, v. 6, p. 15-27, 2005.

BASSANEZI, M. S. (Org.). **São Paulo do passado: dados demográficos 1920**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 1999. Disponível em: <https://nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/1920.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

BASSANEZI, M. S. C. B. **Colonos do café**. São Paulo, SP: Contexto, 2019.

BASSANEZI, M. S. C. B.; SCOTT, A. S. V.; BACELLAR, C. de A. P.; TRUZZI, O. M. S. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2008.

BASSANEZI, M. S.; FRANCISCO, P. B. **Estado de São Paulo. Estatística agrícola e zootécnica 1904-1905**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2003. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/estatistica-agricola-e-zootecnica-do-estado-de-sao-paulo-no-ano-agricola-de-1904-1905/>. Acesso em: 05 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Estatística, 1922.

CHIACHIRI FILHO, J. **Do sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 1986.

COLISTETE, R. P. Regiões e especialização na agricultura cafeeira: São Paulo no início do século XX. *Revista Brasileira de Economia*, v. 69, n. 3, p. 331-354, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rbe/article/view/9003>. Acesso em: 10 jan. 2025.

COSTA, E. V. da. **Da senzala à colônia**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2010.

COUTINHO, A. **Couro cru: origens do polo calçadista de Franca (1820-1950)**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2008.

CUNHA, M. F.; DINIZ, O. A. dos S. Dinâmica populacional e caracterização econômica de Franca (São Paulo) – séculos 19-21. In: BAENENGER, R. *et al.* (Org.). **População e cidades: subsídios para o planejamento local e regional**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2019.

DI GIANNI, T. P. Italianos e propriedade urbana na cafeicultura paulista (Franca/SP, 1887 a 1916). *História* (São Paulo), n. 13, p. 65-79, 1994.

DI GIANNI, T. P. **Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior**. Franca, SP: Unesp-FDHSS, 1997.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral do Império de 1872**. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de G. Leuzinger e Filhos, 1873-1876.

FRANZINA, E. **A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

GONÇALVES, J. V. M. **Dos dois lados do Atlântico: redes migratórias de italianos em Franca**. São Paulo, SP: Editora Dialética, 2024.

GONÇALVES, J. V. M. **Redes migratórias e dinâmica populacional de italianos em um município paulista: Franca, 1885-1945**. Tese (Doutoramento) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2023.

GONÇALVES, J. V. M. *Sposarsi* a Franca: tendências da nupcialidade entre imigrantes italianos no interior paulista, 1885-1930. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, p. 1-23, 2021.

GONÇALVES, J. V. M. Italianos e redes: caminhos abertos por conterrâneos pioneiros no interior paulista. In: VENDRAME, M. I.; CEVA, M. (Org.). **Migrações atlânticas: trajetórias, conexões e redes migratórias entre Europa e América Latina**. 1. ed. São Leopoldo, RS: Oikos, 2025. p. 227-255.

HOLLOWAY, T. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1º de setembro de 1940**. Rio de Janeiro, RJ: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

OLIVEIRA, L. L. A cafeicultura, a economia de abastecimento e as transações imobiliárias no setor rural – município de Franca – 1890-1920. **História Econômica & História de Empresas**, v. 18, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/338>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SÃO PAULO (Estado). **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. São Paulo, SP: Repartição de Estatística, 1901-1920.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Comissão Central do Recenseamento. **Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo realizado em 20 de setembro de 1934**. São Paulo, SP, 1936.

TOSI, P. G.; FALEIROS, R. N.; TEODORO, R. da S. Crédito e pequena cafeicultura no oeste paulista: Franca/SP 1890-1914. **Revista Brasileira de Economia**, v. 61, n. 3, p. 405-426, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rbe/article/view/1072>. Acesso em: 20 jan. 2025.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2022.

TRUZZI, O. (Org.). **Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2021.

TRUZZI, O. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2016.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000100010>. Acesso em: 22 jul. 2025.

TRUZZI, O.; PALMA, R. A imigração espanhola no interior paulista: inferências a partir de um estudo de caso. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 2, p. 461-461, 2014. Disponível em: <https://contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/244>. Acesso em: 05 jan. 2025.

TRUZZI, O.; VOLANTE, J. P. Percursos migratório intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no oeste paulista (1880-1950). In: TRUZZI, O. (Org.). **Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2021.

VANGELISTA, C. **Os braços da lavoura**. São Paulo, SP: Hucitec, 1991.

Sobre o autor

José Victor Maritan Gonçalves é pós-doutorando do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Neпо) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio no Dipartimento di Scienze Storiche, Geografiche e dell’Antichità (DiSSGeA) da Università degli Studi di Padova, doutor e mestre em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

Endereço para correspondência

Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Neпо) da Unicamp
Av. Albert Einstein, 1300, Cidade Universitária Zeferino Vaz
13083-852 – Campinas-SP, Brasil

CRediT

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo n. 2024/03149-0, e é fruto das discussões propostas no Projeto Temático “Dinâmicas de incorporação, mobilidade social e dominação no Oeste Paulista, 1850-1950”, com o apoio da Fapesp, processo n. 2023/11937-5.

Conflitos de interesse: O autor certifica que não tem interesse pessoal, comercial, acadêmico, político ou financeiro que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: O autor certifica que o trabalho não inclui seres humanos ou animais.

Disponibilidade de dados e material: Os conteúdos já estão disponíveis.

Editores: Bernardo Lanza Queiroz, Júlia Almeida Calazans e Maria Carolina Tomás.

Abstract

Italian immigration in the interior of São Paulo: inferences from the municipality of Franca (1872-1940)

In the historiography of international immigration to São Paulo, Italians hold a prominent position. As a group numerically larger than both the Portuguese and Spanish, Italians crossed the Atlantic driven by the hope of “making it in America,” playing a central role in the global phenomenon of mass migration. This article discusses the specific case of Italian immigration to the municipality of Franca, São Paulo, highlighting its implications for local and state-level

social, economic, and demographic development through an analysis of historical statistics. During the “Great Migration” at the turn of the 20th century, the Italian presence expanded within the municipality; immigrants distinguished themselves in rural areas by becoming landowners and in urban centers by contributing to the artisanal and industrial sectors—most notably the footwear industry. Although less studied than in other regions, immigration in Franca reveals significant socio-demographic shifts, marking it as a promising field for further research.

Keywords: International immigration. Italians. Interior of São Paulo. Historical demography. Historical statistics.

Resumen

Inmigración italiana en el interior de São Paulo: inferencias desde el municipio de Franca (1872-1940)

En la historiografía sobre la inmigración internacional en São Paulo, los italianos ocupan un lugar destacado. Al ser un grupo numéricamente superior al de portugueses y españoles, los italianos cruzaron el Atlántico impulsados por la esperanza de “hacer las Américas”, desempeñando un papel protagónico en el fenómeno de la migración masiva a escala global. Este artículo tiene como objetivo analizar aspectos de la inmigración italiana en el municipio de Franca (São Paulo) y sus implicaciones en el desarrollo socioeconómico y demográfico local y estatal, a partir de estadísticas históricas. Durante el período de la Gran Inmigración, entre finales del siglo XIX y principios del XX, la presencia italiana se intensificó en dicho municipio; allí, los inmigrantes destacaron tanto en el ámbito rural —alcanzando la condición de propietarios agrícolas— como en el urbano, donde contribuyeron a los sectores artesanal e industrial, especialmente en la industria del calzado. Aunque menos estudiada que en otras regiones, la inmigración en Franca revela transformaciones estructurales profundas, consolidándose como un campo fértil para futuras investigaciones.

Palabras clave: Inmigración internacional. Italianos. Interior de São Paulo. Demografía histórica. Estadísticas históricas.

Recebido para publicação em 11/07/2025

Aceito para publicação em 25/02/2026